
UM ESTUDO SOBRE O JOVEM CATOPÊ DO TERNO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM MONTES CLAROS-MG NA CONTEMPORANEIDADE*

DOI 10.18224/frag.v29i3.7728

VIVIANE BERNADETH GANDRA BRANDÃO**
VÂNIA DE FÁTIMA NORONHA ALVES***

Resumo: este estudo tem como objetivo analisar quem é o jovem catopê do terno de Nossa Senhora do Rosário em Montes Claros - MG. Os catopês, em sua maioria são homens negros adultos, jovens e crianças, os quais formam um grupo denominado de terno que fazem parte do congado norte mineiro. Este grupo se destaca por ser o que possui o maior número de jovens que expressam em suas ações uma mistura de ritos africanos e católicos. Este trabalho fundamenta-se no Estatuto da Juventude (2013), Brandão (2002) e Alves (2008). Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratória com abordagem etnográfica, por meio da observação participante e entrevistas, conduzidas por um grupo focal. Os resultados contribuem, para uma reflexão sobre o jovem, no sentido de uma tradição duradoura que perpassa a dinâmica da cultura e da educação na contemporaneidade.

Palavras-chave: *Jovem. Tradição religiosa. Educação.*

A sociedade contemporânea apresenta um cenário em que a produção e a oferta de bens culturais são praticadas por uma pluralidade de instituições, muito além das escolas, ruas e igrejas, tais como as mídias que incluem as redes sociais, tvs interativas, dentre outras. Nesse cenário, os sujeitos, principalmente, os jovens, considerados nativos digitais, têm ao seu alcance uma quantidade incomensurável de informações e referências, ficando expostos a vários estímulos. Todo este cenário educativo propicia o processo de

* Recebido em: 28.09.2019. Aprovado em: 01.12.2019.

** Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas. Docente no Departamento de Política e Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes. E-mail: viviane.gandra1@hotmail.com.

*** Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo - USP. Docente no Programa de Pós-graduação em Educação na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas. E-mail: vaninhanoronha@gmail.com.

construção da subjetividade destes jovens para orientar seus julgamentos e preferências, ou seja, a posição de cada indivíduo em uma sociedade.

A juventude não é determinada somente pelos seus aspectos biológicos que direcionam os dados cronológicos como idade física. Entretanto, ela está relacionada intrinsecamente como uma construção social. Este processo de construção perpassa a sua constituição de subjetivação que inclui a cultura, os modos de vida, os sistemas simbólicos, sociais e educativos, os quais proporcionam a heterogeneidade na conceituação do jovem nas pesquisas científicas.

Nesse sentido, em termos legais, com a promulgação do Estatuto da Juventude - EJ - Lei nº 12.852/2013, é considerado jovem no Brasil, as pessoas com idade entre 15 e 29 anos. Vale destacar que aos adolescentes de 15 a 18 anos aplica-se o Estatuto da Criança e da Adolescência (ECA) e, exclusivamente, o Estatuto da Juventude - EJ, quando ele não conflitar com as normas ECA.

No entanto, não é simples conceituar juventude porque os critérios que a constituem são históricos e culturais como afirmam Dayrell e Carrano (2003). É variável a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado vai lidar e representar esse momento. A categoria é carregada de sentidos, mas podemos delinear algumas concepções que orientam essa discussão, que na maioria gira em torno especialmente dos critérios etários e socioculturais.

Paralelamente a uma realidade marcada pela pluralidade de informações, vale dizer, não necessariamente de conhecimento propriamente dito, o presente estudo consiste em apresentar e analisar quem são os jovens negros contemporâneos que vivem uma manifestação religiosa tradicional numa cidade do interior de Minas Gerais na perspectiva da educação e da cultura. Trata-se de uma ramificação do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, também conhecido como Congado, a saber, o Catopê, da cidade de Montes Claros, norte de Minas Gerais.

De acordo com Colares (2006), pode-se considerar o Congado como um nome genérico atribuído aos diferentes grupos africanos, vinculados ao culto do santo de devoção, que de modo sincrético reproduziam simbolicamente no Brasil a história tribal, com a coroação dos reis do congo. A sua origem foi no período colonial, em que a Igreja e os portugueses incentivavam rituais de coroações dos reis do Congo, nas homenagens à padroeira ou a Nossa Senhora do Rosário, para controlar os escravos e manter a ordem.

Essas devoções foram iniciadas no Brasil, por meio da ação missionária no início da colonização e rapidamente absorvido pela classe mais pobre e pelos negros, com cultos que são expressos pelas danças, músicas, vestimentas e orações. Em sua maioria, são presentes em regiões de grande concentração de negros que viviam em quilombos, fazendas e cidades, como é o caso do Norte de Minas Gerais. “Muitos escravos que foram para as minas eram ex-quilombolas aprisionados, vindos de Pernambuco e da Bahia” (LUCAS, 2002, p. 345).

Este processo migratório proporcionou, dentre outras, a formação dos fundamentos das irmandades de negros em todas as regiões do estado, incluindo o Norte, que geograficamente faz limite com o sul da Bahia. Conforme Costa (2006), isto propiciou um grande número de imigrante e mistura de costumes devido ao modo de vida, como as músicas, religião, língua, culinária e outros que promoveram um hibridismo cultural. No entanto, esta situação predominou-se até meados de 1701, pois o governo nacional emitiu um alvará que proibia o tráfico interno.

Ainda sobre o surgimento dos grupos de Congos em Minas Gerais, há uma história propagada até os dias de hoje, que no século XVIII, houve um rei africano que trabalhou nas minas de Vila Rica, com o nome de Chico Rei. Ele veio como escravo e depois de muito trabalho, conseguiu a sua liberdade e contribuiu com a de outros. Lucas (2002), afirma que Chico Rei criou a irmandade de Santa Efigênia e edificou uma igreja para o culto dessa santa e, depois de alguns anos, o bispo de Diamantina corou Chico Rei como rei da festa de Nossa Senhora do Rosário

Na contemporaneidade, os rituais do congado, aos santos de devoção e aos grupos, acontecem em Minas Gerais de acordo as especificidades das regiões, concentrando-se, em sua maioria, as festas nos meses entre agosto e outubro. Em Belo Horizonte, ocorrem nos meses de abril a dezembro, entre as festas do domingo de páscoa ao dia de Nossa Senhora da Conceição.

O imaginário do Congado norte mineiro expressa esta história e tradições. Vale destacar que o mito fundante¹ desta manifestação é discutido e analisado nos estudos de Alves (2008). A autora aborda que a origem do Congado se alicerça na narrativa mítica que envolve Nossa Senhora do Rosário, constituindo no imaginário dos seus devotos. O imaginário do Congado norte mineiro expressa esta história e tradições.

Em Montes Claros, perduram por mais de 170 anos as tradicionais manifestações religiosas do congado brasileiro e são consideradas patrimônio cultural regional, sendo reconhecidas pelo Instituto Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como “dignas de serem registradas como bem material e imaterial da União, devido às suas grandes riqueza e beleza cultural”, nos termos da Lei Nº 4.197, de 23 de Dezembro de 2009.

Compondo um fenômeno intangível e fundamental para o desenvolvimento econômico local e regional. Estas manifestações são expressas por meio dos grupos populares que protagonizam nos meses de agosto, as Festas Religiosas de Agosto, que se tornaram associadas à própria imagem da cidade, em honra a Nossa Senhora do Rosário, a São Benedito e ao Divino Espírito Santo.

Os Ternos de Congado de Montes Claros atualmente são representados pelos Catopês, Marujada e Caboclinhos. Esses ternos representam as etnias que formaram o Brasil. Na liderança dos festejos, os catopês retratam a cultura africana, a marujada remete aos navegantes portugueses e os caboclinhos aos índios.

Segundo Martins (1988), no estado de Minas Gerais, o congado é representado também pelos candombes, cavalhadas, congos, moçambiques e vilão.

Os integrantes desses ternos percorrem as ruas do centro da cidade, com as imagens dos santos em andores, bandeiras e estandartes, num ritual que tem o propósito de limpar os espaços profanos, anunciando os reinados que estão por vir. A população participa, vai para as ruas, os comerciantes ficam nas portas das suas lojas, os carros param com objetivo de apreciar os grupos congadeiros passarem, dando visibilidade a este ritual, uma verdadeira epifania.

Conforme jornais construídos pela Secretaria de Municipal de Cultura de Montes Claros, a cavalhada já esteve presente no Congado de Montes Claros, sendo extinta na década de 1960. Era manifestada pela classe social com maior poder aquisitivo da cidade, numa nítida hierarquia, pois eram eles os proprietários de cavalos. Segundo Saul Martins (1988, p. 43) a cavalhada é uma teatralização da luta entre Mouros e Cristãos, a qual manifesta o “congado montado”.

Atualmente, o Catopê é o grupo que possui um maior número de participantes e expressividade na região, propiciando que muitos conheçam as Festas de Agosto como “Festa do Catopê”. Não há registros oficiais sobre o surgimento e a expressividade desses grupos em Montes Claros. Entretanto, por fontes orais, em depoimentos de pessoas que participam a mais tempo do congado, como o Mestre Zanza² me foi relatado que não se sabe a data certa, mas os catopês foram os primeiros grupos do congado em Montes Claros, depois que vieram os marujos e os caboclinhos. Paula (2007) menciona que em 1841 já havia catopês na cidade, permitindo-nos identificar a presença do grupo desde meados do século XIX.

Em relação ao termo Catopê, os nomes Catupés, Catopés, são utilizados com o mesmo sentido, em diferentes locais do Brasil e de Minas Gerais, para denominar os negros nas festas do congado. Nos estudos de Saul Martins (1988, p. 31), o catopê “é o índio africano, menos vistoso do que o nosso, contudo é mais comunicativo”. Para este autor, o índio de penas, usa cocar e não tem arco, apenas um manto colorido, atado ao pescoço, cobre-lhe as costas e quase lhe toca os pés. Já Cascudo (2002) aborda que os catopês são os primeiros africanos que chegaram ao Brasil na Colônia e nos festejos eles cantavam e dançavam em louvor a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário.

Em Montes Claros, os catopês simbolizam os africanos e os rastros dos negros brasileiros, dos reis do congado, nas festividades. O Catopê

é o mesmo zumbi ou congada de outros lugares, tendo, entretanto, características regionais. Os componentes são na sua maioria pretos dóceis e alegres. Agrupam “em ternos”; cada terno tem mais ou menos vinte pessoas, entre adultos e crianças somente homens. Apresentam-se em duas colunas começando pelos mais altos e seguindo em ordem decrescente pela altura até os menores. O chefe dança e comanda os cantos entre as duas colunas e à frente há também dois porta-bandeiras à paisana. A vestimenta uniforme é simples: calça paletó e camisa; de cor branca ou clara. O calçado não é obrigatório. Na cabeça atam um lenço e sobre este assentam um capacete, espécie de cilindro oco de papelão nas dimensões da cabeça, aberto dos dois lados e enfeitados com espelhos, aljôfar e fitas de várias cores, estas que medem mais ou menos um metro de comprimento têm uma das pontas presas ao capacete e a outra se esvoaça ao sabor dos ventos. O chefe usa um capacete enfeitado de penas de ema dando-lhe uma distinção especial. Cada um conduz um instrumento – pandeiro, tamborim ou caixa, uma flauta de bambu dá a poesia ao conjunto. Os dançantes são os donos da Festa de agosto, pois eles têm obrigação de organizar e acompanhar o “reinado” – reminiscências das festas de Chico Rei em Ouro Preto (PAULA, 2007, p. 138-139).

Os catopês de Montes Claros são compostos, em sua maioria, por homens negros, sendo adultos, jovens e crianças, residentes de bairros de regiões periféricas. Usam roupas com poucas diferenças de cores, sendo a branca predominante, calça e camisa com manga comprida. Entretanto, a cor azul, vermelho e rosa estão presentes vinculando aos santos de devoção no dia da Festa, como por exemplo: em honra ao Divino Espírito Santo, vermelha, São Benedito, a rosa e Nossa Senhora do Rosário azul e branca. Na cabeça, um capacete enfeitado com espelhos, aljôfares, miçangas, no topo, um penacho, penas de pavão e fitas coloridas a larguras variadas, que descem até o chão.

As roupas são denominadas por eles de “fardas”, as quais utilizam nas festas, já nos ensaios e visitas, utilizam roupas do cotidiano conforme a escolha de cada um, dito por eles como “à paisana”.

A mudança das roupas é tão importante para este ritual que possui nome especial. Os ternos que estavam "à paisana" logo após o levantamento do mastro de Nossa Senhora do Rosário, o primeiro, podem vestir suas "fardas". O vestir as "fardas" demonstra que a passagem foi realizada, sai-se da profanidade do mundo e penetrou-se na sacralidade do mundo religioso (COLARES, 2006, p. 58).

Observa-se que em Montes Claros, no terno de Nossa Senhora do Rosário, há um número significativo de jovens em sua composição. O qual justifica a escolha por esses sujeitos nesta pesquisa. Importa ressaltar que a juventude é uma fase importante em que as experiências vivenciadas e a facilidade para a apreensão de conhecimentos são características indispensáveis para a construção subjetiva do ser jovem.

Neste caso, destaca-se pensar em juventudes plurais, que reflete as diversas culturas, contextos culturais e diversos tipos de "Juventudes". considerando os recortes socioculturais, históricos que determinam e influenciam a delimitação desta fase da vida. Convém refletir que a juventude acontece inevitavelmente com todos os indivíduos, independente de classe social, cultura, gênero ou etnia. Muitos são os processos educativos pelos quais passamos ao longo de nossas vidas e, dentro deles, certamente, as festas, entendidas como fenômenos culturais, são constituintes, intrínsecos aos mesmos.

Desse modo, Paula (1990, p. 27) afirma que "todas as práticas sociais são sempre simbólicas, uma vez que são manifestações de um universo imaginário numa práxis, por intermédio de um sistema sociocultural e de suas instituições". No caso aqui considerado, parte-se do pressuposto de que estas práticas sociais são educativas, contribuindo para conhecer quem são os jovens catopês de Nossa Senhora do Rosário em Montes Claros na contemporaneidade.

Dessa forma, o tema desta pesquisa integra a educação e a cultura, visto que esta relação é fundamental nas sociedades humanas. Para Brandão (2002), a educação é uma esfera interativa e interligada entre os seres humanos, por meio "dos símbolos, saberes, sentidos e significados, como também de códigos, de instituições que configuram uma cultura" (BRANDÃO, 2002, p. 12). Já a cultura, conforme Sodré (2005, p. 39) é uma "metáfora de jogos ou de dispositivos de relacionamento com o sentido e o real".

Observa-se, que o estudo deste jovem no contexto de uma tradição religiosa na dinâmica sociocultural contemporânea, encontra uma manifestação da relação educação e cultura que aqui se propõe, qual seja, o modo como essa realidade é elaborada pelos jovens catopês.

Nessa direção, ressalta-se que a juventude é uma fase importante em que as experiências vivenciadas e a facilidade para a apreensão de conhecimentos são características indispensáveis para a formação da subjetividade. Dessa forma, como aponta Carrano (2001, p. 16), o "ser jovem não é apenas uma condição biológica, mas uma maneira prioritária e definição cultural".

A análise poderá fornecer elementos relativos à postura do jovem do terno do Catopê diante dos espaços sociais em que eles estão inseridos, o que se justifica a realização da pesquisa, na medida em que a juventude é um dos momentos da vida humana em que se manifesta o aprendizado dos costumes e valores da sociedade. As considerações e apontamentos dela resultantes dirão respeito a uma tradição que ainda persiste como uma referência muito importante para os jovens, não somente para os de Montes Claros, mas também para outras

idades e estados brasileiros. O trabalho poderá contribuir assim, não só para o registro de aspectos relativos à dinâmica da cultura e da educação, mas também para a reflexão sobre o sentido atual de uma tradição duradoura.

METODOLOGIA

Os catopês em Montes Claros destacam-se pela quantidade de participantes que somam aproximadamente 100 pessoas. Atualmente são organizados por três ternos. Um devoto de São Benedito que foi liderado por mais de 50 anos pelo mestre José Expedito Cardoso do Nascimento. Com o seu falecimento aos 72 anos em 2016, seu filho Wanderley de 44 anos sucedeu a liderança. Os outros dois são devotos de Nossa Senhora do Rosário, o primeiro é liderado pelo Mestre Zanza² que se encontra hoje com 85 anos e o segundo, a partir das festas do corrente ano de 2018 está sendo conduzido por Yuri Farias Cardoso, de 19 anos, um jovem catopê que acompanhou seu avô Mestre João Farias, nestas manifestações desde os primeiros dias de vida. O Mestre João Faria falecido em janeiro de 2018 aos 74 anos de idade foi o líder, por mais de 45 anos do grupo.

Nesse sentido, a escolha da pesquisa pelos catopês do segundo terno de Nossa Senhora do Rosário se dá por ser o único grupo de congado em Montes Claros, desde a sua centenária origem, atualmente liderado por um jovem e, ainda, por este terno já ser (re) conhecido por agregar a juventude, em número significativo, nos ritos religiosos.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratória com abordagem etnográfica, por meio da observação participante e entrevistas, conduzidas por um grupo focal. Neste contexto, o trabalho de campo entendido como um “rito de passagem” demanda uma reeducação dos sentidos, articulada a uma atitude fenomenológica.

O grupo focal aconteceu com os sujeitos da pesquisa, que foram os jovens, com idades entre 15 e 29 anos, sendo 09 jovens, dois com 15 anos, dois com 18 anos, dois com 19 anos, dois com 20 anos e um com 28 anos, todos pertencentes ao segundo terno de catopês de Nossa Senhora do Rosário e residentes em Montes Claros, MG.

O lócus da pesquisa da observação participante foram as Festas de Agosto que é o espaço principal aonde os jovens expressam para a sociedade o quê é ser um jovem catopê com as suas danças, cantos e rituais simbólicos, além dos ensaios e reuniões. O período de execução dos instrumentos de pesquisa compreenderam os meses de junho, julho e agosto do ano de 2018, em Montes Claros.

Assim, foram entrevistados por meio do grupo focal, 09 jovens catopês, que após aceitarem a participar da pesquisa, assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para garantir o sigilo, eles foram identificados pelas letras JC seguida dos números 01 a 09. Destaca-se que neste grupo de jovens não há presença das mulheres. A justificativa apresentada pelos participantes é de que desde a origem do grupo os jovens são homens, entretanto, é aceito mulheres em outros ternos de catopês na cidade.

Os dados coletados na pesquisa foram analisados por meio das falas dos participantes realizadas no grupo focal, tendo como base a análise de conteúdo de Bardin (1977), que constitui em um conjunto de instrumentos de análises e reflexão, por meio da sistematização e descrição dos conteúdos das entrevistas que propiciam a inferência de conhecimentos produzidos. Atentando à singularidade de cada participante e oportunizando as pesquisadoras uma aproximação ao objeto da pesquisa, também todas as informações foram gravadas e transcritas.

Por isso, o presente trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas, o qual foi aprovado pelo parecer: 2.739.860 no dia 27 de junho de 2018. Após esta liberação, a pesquisa de campo foi realizada.

PERFIL DOS JOVENS CATOPÊS

Observa-se que todas as idades dos jovens entrevistados correspondem a definição de jovem conforme ao Estatuto da Juventude de 2013 em vigor no Brasil, além de possuírem uma variedade etária entre ele, sendo o mais novo com 15 anos e o mais velho com 28. No grupo focal, foi percebida uma relação muito forte de cumplicidade e amizade entre os jovens, sendo que muitos são vizinhos ou colegas da escola. No entanto, a análise reflexiva em relação à juventude não deve ser feita levando em consideração somente a idade, mas todo o contexto social que ele está inserido, devido a pluralidade do ser jovem.

Nesse sentido, no universo dos jovens participantes da pesquisa, somente um é casado e possui um filho, os outros oito se declararam solteiro e não têm filhos. Este resultado pode ser uma expressão de uma realidade maior, visto que confirma os dados da pesquisa intitulada síntese de indicadores sociais realizada pelo IBGE (2017) em que apresenta uma diminuição de fecundidade entre os jovens a partir de 15 anos, no período de 2005 a 2015, representando um índice de queda de 22,1%, reduzindo de 76,3% para 59,4% filhos. Revelando o Acre como estado brasileiro com taxa mais alta de fecundidade entre os jovens e o estado de Brasília, com o menor índice. Também o estudo feito pelo IBGE (2017) mostra que, no Brasil, o grupo etário que mais engravida, estão nas jovens entre 20 e 24 anos e em sua maioria, os seus parceiros correspondem a mesma faixa etária.

Observa-se que neste período, o jovem está em processo de construção da sua subjetividade, e as influências da atualidade recebidas pelos processos educativos vivenciados, seja pela família, escola, amigos e grupo de congado, contribuem de forma significativa nas suas escolhas que refletem nesta situação relacionada a gravidez e o seu estado civil (JACQUES, 2014).

Para o IBGE (2017) nos estudos realizados em 2015, 56,3% de jovens a partir de 15 anos estavam ou estão com o estado civil de casados ou união estável. Sendo que houve um aumento de união conjugal nos jovens brasileiros. Porém, a pesquisa com jovens catopês, apresenta dados diferentes, pois somente um declara ser casado, refutando os dados do IBGE. Desse modo, ressalta-se o número pequeno da amostra do grupo de nove, referente ao universo brasileiro, mas revela uma particularidade e significados deste grupo social.

Em relação à religião, sete jovens declararam católicos, um evangélico e um sem religião. Estes dados, a primeiro momento, podem causar surpresas, pois os catopês de Nossa Senhora do Rosário são denominados como grupo religioso e seus ritos mesclam elementos do catolicismo e de matrizes africanas. Assim, arrisco a dizer que alguns desses jovens seriam pertencentes a duas religiões. Mas, estes dados revelam a liberdade, a pluralidade de escolhas e o convívio com as diferentes crenças que são construídas por meios da subjetividade dos jovens, propiciando participar de um grupo tradicional de congado em devoção a santos católicos e em dois casos, não se identificarem com as religiões dele oriundas.

Este número confirma os dados dos últimos censos do IBGE sobre religião da população brasileira, os católicos representavam 82,96 % da população em 1990; no ano de

2000 esse percentual foi reduzido para 73,60 % e em 2010, totalizaram 64,60 %, ilustrando a redução significativa de católicos no Brasil.

Hoje, diferentemente do que ocorria no passado, as instituições tradicionais encontram grande dificuldade de garantir a transmissão dos valores religiosos de uma geração para outra, bem como de assegurar a afirmação de uma memória coletiva. Observa-se o progressivo enfraquecimento da figura do fiel “praticante”, em geral associada a “comunidades de sentido fortemente constituídas”, enquanto surge a figura do peregrino, marcada pela mobilidade sustentada pelas experiências pessoais.

Isso se aplica ao caso do catolicismo brasileiro e suas perdas observadas historicamente, conforme atestam os censos. Teixeira (2005) lembra que hoje o catolicismo é considerado “doador universal” de pessoas para outras crenças. As maiores preocupações da Igreja se relacionam à debandada de fiéis, sobretudo para as denominações pentecostais, e à saída de jovens que aumentam o percentual dos “sem religião”.

Novaes (2004), nas suas discussões, tem buscado explicar o fenômeno dos “sem religiões” entre os jovens, utilizando uma categoria de análise chamada “espírito da época” afirmando que se declarar sem religião pode ser um dos fenômenos da juventude, em um período de transitoriedade, de novas descobertas, ou seja, de maturidade.

A ausência de declarações por religiões de matrizes africanas chama a atenção, pois o congado, conforme Silva (2002), tem “características culturais de um segmento negro com uma origem que está lá na África e a força do culto africano contribui para que se preserve a herança dos antepassados” (p. 39). Mesmo não tendo nenhum jovem que se identifica por religiões de matrizes africanas, seus ritos religiosos durante as manifestações dos catopês nas festas de agosto e em outros espaços, carregam elementos destas.

Sobre a escolaridade, dos nove jovens catopês participantes do grupo focal, um está cursando o ensino superior; um possui o ensino médio completo; dois fazem o ensino fundamental e cinco declararam o ensino médio incompleto; ressaltando que destes cinco, três pararam de estudar e dois estão cursando.

Este resultado representa e está em conformidade com as pesquisas nacionais como as de Sales Junior (2016), que afirmam que mesmo com a expansão de políticas públicas educacionais do ensino superior, nos últimos anos, a inserção de jovens no ensino superior para as pessoas que compõe o grupo de minorias sociais, com baixa situação financeira, as com deficiências, negros, indígenas, quilombolas, ainda é pequena em relação a quantidade existentes. Isso se deve as desigualdades diversas que a juventude vivencia como social, educacionais, oportunidades e outros.

No que tange ao trabalho, dos nove jovens catopês, cinco trabalham, sendo somente um de carteira assinada como operador de máquina de telas, os outros quatro informaram que são autônomos, fazem “bico”, atividades diversas, como pintor, pedreiro, venda de produtos de revistas e outros serviços que aparecerem. Esses dados corroboram com a análise de Simões (2010), que aproximadamente quatro milhões de pessoas, na faixa etária de 15 a 29 anos, exercem trabalhos autônomos, sendo que 90% desse recebem valor inferior ao salário mínimo estabelecido no Brasil.

Dos jovens entre 15 a 29 anos, grupo etário estabelecido pelo Estatuto da Juventude, segundo Silva (2018), aproximadamente 25,1 milhões que não conseguiram o ensino superior completo, não estavam nas escolas estudando e nem se qualificando. Dado relevante para refletirmos onde estes jovens estavam, muitas das possíveis causas estão relacionadas às

condições socioeconômicas como no trabalho informal devido à necessidade financeira, muitos abandonam os estudos.

Conforme Silva (2018), 23% dos jovens entre 15 a 29 anos no ano de 2017, não estudavam e não trabalhavam, diferentemente do ano de 2016 que foram 21,9%. Observando um aumento considerável. Também no grupo etário de 15 a 17 anos a repetência e a evasão escolar são significativas, tendo 87,2% dos jovens na escola. Entretanto 68,4% em ajustamento escolar, ou seja, cursando ano diferente conforme a sua idade devido ao atraso escolar. Já os estudantes com 18 a 24, o índice de escolarização diminuiu para 31,7%, ao contrário de 32,8% em 2016.

Vale destacar que, dentre os diversos fatores motivadores que fazem os jovens a desistirem ou pararem de estudar para o IBGE (2017), são o trabalho, falta de interesse no estudo e necessidade de suprir os cuidados domésticos ou de pessoas. Em contrapartida, observa que a desigualdade com os jovens pobres e negros crescem referente ao atraso e a evasão escolar para sobreviverem e auxiliar as suas famílias, começam a trabalhar bem cedo e alguns casos, abandonam os estudos.

Conforme a Síntese de indicadores sociais – SIS, pesquisa nacional feita pelo IBGE (2017), com relação a emprego, ocupação e desocupação verificou-se que, em 2016, do total de pessoas desocupadas, mais da metade (54,9%) eram jovens de 16 a 29 anos de idade. A proporção de pessoas ocupadas cresceu nos anos de 59,0% em 2012 e 61,2% em 2016 para pessoas de 16 anos ou mais de idade.

Nesse sentido, cabe uma reflexão sobre a invisibilidade destes jovens no decorrer do ano, pois no período das festas, eles são protagonistas, muitas pessoas tiram fotografias, batem palmas e gritam palavras de apoios para eles, quando passam nas ruas, mas quando a festa termina, eles voltam para a realidade de exclusão da sociedade e o desemprego sendo um desses elementos fortes mencionados. Observa-se o crescimento de trabalhos informais entre os jovens, e isso agrava quando relaciona as condições sociais e econômicas deste grupo que são negros, residentes nos bairros periféricos da cidade e que estão em situação de vulnerabilidade social.

Para Ribeiro e Belin (2016), os bairros periféricos surgiram, com a apropriação da cultura e trabalho da população negra, que foi trazida para o Brasil com intuito de ser escravizada e assim perpetuou a exploração e valor menor de vida humana. As regiões periféricas ou favelas são frutos das formações urbanas fundadas para pessoas que foram escravizadas, que se organizavam em comunidades. O processo de se construir a subjetividade do jovem negro, participante do congado, morador de periferias, perpassa ao que este público retrata no âmbito midiático, que frequentemente traz esse grupo da sociedade sob uma óptica estigmatizada de marginalidade e pobreza.

Dessa forma, o ambiente de flexibilização, reestruturação, além de precarização das relações de trabalho, faz existir situações de vulnerabilidades progressivas para a população jovem, propicia discussões para a elaboração, a implementação das políticas públicas de juventude, que tenha uma maior efetividade, e, para isso, entende-se como essencial a presente participação dos jovens nos projetos e programas sociais. Estende-se cada vez mais que a compreensão que a legitimação dessas políticas, e também dos locais de garantia de direitos depende da aceitação dos jovens de distintos segmentos sociais e também da qualidade de sua participação. Nessa perspectiva, os jovens catopês foram questionados se há alguém que participa de movimentos sociais e somente 01 respondeu que é Militante no Movimen-

to de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos (MTD), justificando com a seguinte fala: “um dos grandes problemas da juventude na atualidade é o desemprego, se a gente não lutar, não reivindicar, vamos ficar na mesmice, trabalhando sem carteira assinada e ganhando ‘mixaria’”(JC 9).

No momento dessa fala, então questionei se teria algum motivo que impediria a participação e um respondeu: “Eu não participo, pois não gosto de confusão, mas quem quiser participar não acho ruim” (JC 4).

A fala do JC 9 traz uma reflexão crítica da posição e do lugar dele de ser jovem em uma sociedade, a consciência de buscar a efetivação do seu direito, mas também de todos em obterem um trabalho por direito, conforme preconizado no artigo 6º da Constituição Federativa do Brasil de 1998, no que concerne aos direitos sociais. Porém, a fala do JC 4 é caracterizada por um conservadorismo reproduzido pelo senso comum que, infelizmente, muitas pessoas possuem, uma falsa visão dos movimentos sociais, os quais relacionam com confusão, diferentemente de um grupo em que pessoas se unem em prol de um objetivo comum, em busca de efetivação de direitos e de melhorias para a sociedade.

Além disso, mostra a particularidade deste jovem, em ter uma opinião que pode ter sido construída pelas influências externas, como as mídias, famílias, professores e outros e ao mesmo tempo, apoia quem participa, construindo a sua subjetividade por processos educativos.

Nesse sentido, os jovens catopês do segundo terço de Nossa Senhora do Rosário em Montes Claros - MG têm suas opiniões, dinâmicas de vida respeitando o processo de subjetivação e educativo de cada um, formando um grupo de juventudes plurais o que pode ser confirmado, nas reflexões realizadas sobre a idade, estado civil, religião, escolaridade e ocupação profissional.

SOU JOVEM CATOPÊ: PERTENCIMENTO E DESAFIOS

Em relação ao pertencimento, quando os jovens foram questionados se eles se consideram e se reconhecem como jovem catopê, as respostas foram unânimes dizendo que sim. Logo em seguida, foi perguntado o motivo. Assim, obtendo as seguintes respostas:

Acredito que a juventude é um estado de espírito, um jeito de viver a vida, e uma das atividades que me mantém este jeito alegre de viver a vida é justamente brincar as festas de agosto como catopê. Então sim, me considero um jovem catopê (JC 9).

Costumo a dizer que antes de ser jovem, eu sou catopê, porque nasci assim e vou morrer assim, com esta raiz, seguindo os passos da minha família (JC 6).

Sou jovem catopê com muito orgulho, devoto de Nossa Senhora do Rosário, sertanejo, negro, carrego a alegria comigo, mesmo nos momentos difíceis, porque a gente não pode perder a fé (JC 7).

Ser catopê é tudo na minha vida, já passei por muita dificuldade e foi o catopê que me tirou das coisas ruins e fez o que eu sou hoje. Devo a minha vida ao catopê (JC 2).

Eu acho massa, porque você se sente importante. Nos dias das festas a gente está dançando, cantando e muitas pessoas param para ver a gente, então acho bom demais (JC 5).

O pertencimento existe, além da demonstração de alegria e do orgulho de serem os jovens catopês, entretanto este reconhecimento permeia por visões subjetivas diferentes que contribuem para analisar uma cultura tradicional no cenário contemporâneo. O entrevistado JC 9 aponta a alegria como elemento fundamental para caracterizá-lo, reforçando o “brincar as festas de agosto como catopê”. Cabe ressaltar que a expressão brincar é comumente utilizada entre os jovens catopês para expressar a realização dos seus rituais, cantos, danças e orações, denominando os mesmos como brincantes. Malveira (2011) denomina em seu trabalho o brincante como participantes do congado na região do Norte e do Nordeste do País, uma vez que eles se identificam com este termo e relacionam seus ritos a um bem-estar, a uma alegria que é gerada por “brincar”.

O sentimento da alegria também foi dito pelo entrevistado JC7, completando uma fala carregada de elementos subjetivos e de reconhecimento que compõe a sua construção de jovem como: catopê, devoto de Nossa Senhora do Rosário, sertanejo e negro.

Ser catopê, diz de uma cultura religiosa tradicional que sobrevive na sociedade atual, entretanto requer adaptações e reinvenção. Como por exemplo, antigamente, os catopês em Montes Claros faziam o percurso dos rituais descalços no centro da cidade sob um sol forte, já nos dias de hoje, é raro encontrar alguém descalço, todos estão com sapatos, sandálias e tênis. Com destaque para os jovens catopês que em sua maioria, estavam com tênis coloridos e de marcas. Outra adaptação é o uso do celular nos rituais, os jovens executam os rituais e, ao mesmo tempo, filmam, fotografam tudo que acontece. As tradições se adaptam quando é necessário “conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins. Instituições antigas, com funções estabelecidas, referências ao passado e linguagens e práticas rituais podem sentir necessidade de fazer tal adaptação” (HOBSBAWN, 2002, p. 13).

Essas adaptações ocorrem de forma intencional ou não, objetivando a permanência da tradição. Outro elemento importante trazido na fala do JC 7 é o fato dele se reconhecer como sertanejo, que é uma expressão utilizada para se referir às pessoas que vivem no sertão. Montes Claros é uma cidade como foi escrito anteriormente, localizada no norte do estado de Minas Gerais e devido a sua posição geográfica, contribui para costumes e culturas advindos mais da região nordeste do Brasil que convive com a seca, sol forte, falta de água, pobreza e que são denominados sertanejos do que outras regiões do país.

Nesse sentido, percebe-se que o norte de Minas é uma região com formação social, cultural e histórica específica, devido ser uma região localizada em Minas Gerais, porém com características geográficas e culturais mais próximas do nordeste brasileiro.

Em momentos distintos da história regional e com racionalidades diferenciadas, indígenas, quilombolas, paulistas, nordestinos, mineiros, europeu-imigrantes e missionários-desenvolvimentistas e *agrobusiness* conformaram e conformam uma realidade social e cultural singular (COSTA, 2006, p. 29).

JC 7 se reconhece como negro, elemento importante a ser analisado, pois de todos os entrevistados, ele foi o único mencionar ser e ter orgulho da sua cor. Isso revela a subjetividade negra, que é constituída na formação dos sujeitos sociais, os quais guardam, na

realidade social brasileira, a memória significativa da experiência de pertencimento à história dos homens e mulheres de origem africana no Brasil. Mas, também marcas de preconceito e exclusão. Neste contexto, há uma influência dialética nos significados das denominações que fazem parte da discussão em relação à subjetividade e objetividade no processo de construção do ser individual e do ser social, ou seja, da sociedade negra.

Sendo assim, a cultura é um meio para a individuação. Esta só pode ocorrer por meio de um projeto coletivo que permita a diferenciação. Por isso, a função da formação cultural é a de socializar para individuar. Dito de outra maneira, a formação deve se destinar à diferenciação do indivíduo em relação ao seu meio, com o qual se vê confundido por ocasião de seu nascimento. A subjetividade assim define-se por um terreno interno que se opõe ao mundo externo, mas que só pode surgir deste. Sem a formação do indivíduo, este se confunde com o seu meio social e natural. Tal subjetividade se desenvolve pela interiorização da cultura, que permite expressar os anseios individuais e criticar a própria cultura que permitiu a sua formação (CROCHIK, 1998).

A juventude convive com seus processos culturais e constrói as práticas educativas e subjetivas. O JC 6, para defini-lo como jovem catopê, utiliza expressões que remetem à tradição familiar, possibilitando elementos que favorecem a construção dos seus processos educativos por meio da geração, a importância da herança familiar para permanecer e continuar no congado. Pode inferir-se que subjetivamente há uma possibilidade de compromisso com a família e com a devoção de Nossa Senhora do Rosário para a manutenção que deve ocorrer entre as gerações.

Na fala do JC2, observa-se que ser catopê tem um significado particular, pois ele atribui ao grupo a superação de suas dificuldades e o bem-estar atual que ele vivencia. Esse significado permeia as ações religiosas, de amizade, mas também um espaço onde proporcionou ao mesmo uma reflexão e mudança das suas atitudes. Já o JC 5 enfatiza a autoestima, sentir importante nos dias das festas, em que neste momento eles são os protagonistas de um festejo tradicional da cidade. Este sentimento pode estar acompanhado com os de inferioridade, invisibilidade, preconceito e outros que podem conviver com ele durante ano e que nos dias das festas, eles desaparecem e dão lugar a alegria por sentir e ser protagonista da sua vida.

Sobre o preconceito, na pesquisa de Santos (1997) intitulada Religiosidade, identidade negra e educação: o processo de construção de subjetividades de adolescentes dos Arturos, alguns alunos (as) informaram que, por fazerem parte de um grupo de congado, sofriam preconceitos e tinha muitas brigas na escola, principalmente na semana do folclore, pois os mesmos precisavam apresentar o que era. Na observação participante durante as festas e no grupo focal realizado com os jovens do 2º terno dos catopês de Nossa Senhora do Rosário em Montes Claros, não foi presenciada nenhuma ação de preconceito e de discriminação. Entretanto quando perguntado se alguns deles já sofreram preconceito por serem jovens catopês, dois relataram:

só o povo mais da minha família que é evangélico que fica me zuando, mas não importo e não vou sair do terno por causa disso (JC1).

Com outros jovens, já percebi um certo descaso, algo como pra que você faz isso? tem que ser muito a tôa pra ficar pulando atrás de uma bandeira, e considero um preconceito pois tratam por “isso” algo que eles não têm noção da grandeza que é (JC 9).

Percebe-se que as falas estão relacionadas ao preconceito religioso, na primeira remete que a família é evangélica e por isso critica a sua participação, ao mesmo tempo JC1 enfatiza a sua opinião em permanecer no terno. Já JC9, responde à pergunta com uma indignação, por meio do aumento de voz e gestos que podem expressar este incômodo, principalmente quando diz que “tem que ser muito a tôa pra ficar pulando atrás de uma bandeira”.

Esses dados revelam, ainda, a dificuldade de as pessoas entenderem e aceitarem as diferenças de crenças na contemporaneidade, especialmente os rituais afro-religiosos. Apesar do cenário religioso na sociedade moderna, viverem com as mudanças que “deslocam” os espaços e as funções da religião no contexto social globalizado, a religião se redimensiona, mas não se acaba. Nesse contexto, as pessoas expressam a sua religiosidade na subjetividade, pelos valores e motivações para as suas vidas. “Tais experiências subjetivas são igualmente buscadas e estimuladas, até certo ponto, pelas instituições religiosas” (MOREIRA, 2008, p. 72).

O religioso migra do que era o tradicional, para as novas manifestações da sua fé, portanto, muitas vezes ele não busca a sua religião em templos, igrejas e sim nos espaços cotidianos em que está inserido, na globalização capitalista, na qual os processos sociais expressam claramente, tendo grande impacto cultural e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo a respeito do jovem pertencente a uma manifestação religiosa tradicional na contemporaneidade, propicia uma configuração especial nas reflexões e discussões sobre a relação juventude, sociedade, cultura e educação, pois contribui de forma significativa com indicadores como faixa etária, religião, escolaridade, trabalho e outros na dinâmica sociocultural atual.

Diante do exposto, nota-se nas respostas a pluralidade do jovem catopê, a relação entre as suas escolhas, mas também dos problemas sociais e educacionais que convivem no seu cotidiano. Entretanto, as práticas sociais e o simbólico, em que estes jovens vivenciam nos ritos, tradições e ações culturais, evidenciam o vínculo deste grupo com os seus integrantes, que refletem em na organização grupal.

Nessa perspectiva, percebe-se que os jovens catopês de Montes Claros dão uma nova vida a uma prática religiosa que vem se consolidando ao longo de mais de cem anos, fazendo do passado uma base para o presente e do universo simbólico da festa em uma perspectiva para o futuro. Dessa forma, as práticas sociais que são educativas, são construções de aprendizagens feitas por meio das relações que o indivíduo mantém com os meios que convive.

ONDE STUDY ON THE YOUNG CATOPE IN THE SUIT OF OUR LADY OF ROSARY IN MONTES CLAROS-MG IN CONTEMPORANY

Abstract: this study aims to analyze who is the young catopet of the suit of Our Lady of the Rosary in Montes Claros - MG. Most of the catopeses are black men, adults, youths and children, who form a group called a suit that are part of the north of Minas Gerais. This group stands out for having the largest number of young people who express in their actions a mixture of African and Catholic rites. This work is based on the Youth Statute (2013), Brandão (2002) and Alves (2008). This is an exploratory qualitative research with an ethnographic approach, through participant observation and interviews conducted by a focus group. The results contribute to a reflection on

the young, towards a lasting tradition that permeates the dynamics of culture and education in contemporary times.

Keywords: *Young. Religious tradition. Education.*

Notas

- 1 Alves (2008) diz que a constituição do mito é feita pela imagem de Nossa Senhora do Rosário. Foi ela, a origem de existir esta manifestação. “Num pólo, Nossa Senhora do Rosário é o imaginário, o mito. Ela é a natureza, a origem, a gestação” (ALVES, 2008, p. 230).
- 2 Entrevista do Mestre Zanza concedida a pesquisadora em agosto de 2017.

Referências

- ALVES, Vânia de Fátima Noronha. *Os festejos do Reinado de Nossa Senhora do Rosário em Belo Horizonte/MG: práticas simbólicas e educativas*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. 252 p.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Educação Como Cultura*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- BRASIL. Lei.12.852 de 05 de agosto – Estatuto da Juventude. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm. Acesso em: 20 abr. 2018.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. Jovens na Cidade. *Trabalho e Sociedade*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, ago. 2001.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 6. ed. Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- COLARES, Mona Lisa Campanha. *A Tradição Mundo Contemporâneo: análise dos caboclinhos montesclarenses - terno do congado das Festas de Agosto*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros - MG, 2006.
- COSTA, João Batista de Almeida. Cultura, natureza e populações tradicionais: o Norte de Minas como síntese da nação brasileira. *Revista Verde Grande*, Montes Claros: Unimontes, v. 1, n. 3, dez./fev. 2006.
- CROCHIK, José Leon. Os desafios atuais do estudo da subjetividade na psicologia. *Psicologia*, USP, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 69-85, 1998.
- DAYRELL, Juarez Tarcísio; CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Jovens no Brasil: Difíceis travessias de fim de século e promessas de outro mundo*. 2003.
- FEATHERSTONE, Mike. A globalização da complexidade. *RBCS*, São Paulo, n. 32, v. 11, p. 105-124, out. 1996.
- HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- IBGE, Instituto brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. Estudos & Pesquisa, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101459.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2019.
- JACQUES, Maria da Graça Correa Jacques et al. *Psicologia social contemporânea: livro-texto*. Editora Vozes Limitada, 2014.

- LUCAS, Glauro. *Os Sons do Rosário: o congado Mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- MALVEIRA, Ricardo Ribeiro. *Os Catopês de São Benedito em Montes Claros: rastros de uma ancestralidade mineira negra e festiva*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, 2011.
- MARTINS, Saul. *Congado: família de sete irmãos*. Belo Horizonte: SESC, 1988.
- MOREIRA, Alberto da Silva. O deslocamento do religioso na sociedade contemporânea. *Estudos de religião*, Ano XXII, n. 34, 2008.
- NOVAES, Regina. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espíritos de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 321-330, 2004.
- PAULA, Hermes Augusto de. *Montes Claros sua História sua gente seus costumes-parte III*. Montes Claros: Editora Unimontes, 2007.
- PAULA CARVALHO, J. C. de. *Antropologia das organizações e educação: um ensaio holonômico*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- RIBEIRO, Regiane Pereira. BELIN, Luciane Leopoldo. Guerreiras da quebrada: o empoderamento da mulher da periferia no programa esquentado. *Cultura e Mídia*, v. 11, n. 2, p. 36-52, 2016.
- SANTOS, Erisvaldo P. *Religiosidade, identidade negra e educação: o processo de construção de subjetividades de adolescentes dos Arturos*. Dissertação (Mestrado) - FAE/UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, 1997.
- SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. São Paulo: DP&A, 2005.
- SALES JUNIOR, Jaime Souza; CARNEIRO, Tereza Cristina Janes; DIAS, Taciana de Lemos. *Indicadores de Desempenho dos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo: perfil por grupos e análise comparativa no período de 2011 a 2014*. *Revista Meta: Avaliação*, [S.l.], v. 7, n. 21, p. 306-331, fev. 2016.
- SILVA, Júnia Bertolina da. *O congado na comunidade dos Arturos: catolicismo ou culto africano?* Monografia de graduação. UFMG. Belo Horizonte, 2002.
- SILVA, Mônica Ribeiro da. A BNCC da reforma do ensino médio: o resgate de um empoeirado discurso. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 34, 2018.
- SIMÕES, Carlos Artexes. Políticas públicas do ensino médio: realidade e desafios. In: FERREIRA, Cristina Araripe (org.). *Juventude e iniciação científica: políticas públicas para o ensino médio*. Rio de Janeiro: EPSJV; UFRJ, 2010.
- TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, 2005.